

TURISMO DO PARTO

Mulheres russas deixam o país de origem para terem seus bebês longe da guerra e da repressão política. No Brasil, têm escolhido Florianópolis como destino de seus partos, em busca de um nascer humanizado e domiciliar para os filhos – condições proibidas na Rússia –, mas ainda de recomeços que prometem cidadania digna, um futuro ensolarado e vista para o mar

POR GABRIELA BORGES (DE FLORIANÓPOLIS) E MARIANA GONZALEZ
FOTOS LUCY HALLAK



ANASTASIA ANDREEVA sofreu violência obstétrica em seus dois primeiros partos, há 14 e há dez anos. Quando engravidou pela terceira vez, em 2020, decidiu que não teria o bebê em Tyumen, na Rússia, onde vivia. Sem falar uma frase em português, veio para o Brasil, mais especificamente Florianópolis, um mês antes de dar à luz Evelyn, a primeira brasileira da família.

Maria Blagushina também teve os dois primeiros filhos em Moscou, na Rússia, e o mais novo no Brasil, há sete meses, e decidiu se mudar para a capital catarinense em razão da guerra motivada pela invasão da Rússia à Ucrânia: “Minha cidade não está sendo bombardeada, mas é terrível ver que pessoas apoiam essa situação no meu país. Meus amigos e familiares correm o risco de ir para o exército e morrer. Por isso, quando me separei, decidi fugir para longe de toda essa situação”.

Histórias como a de Anastasia e Maria não são isoladas em Florianópolis. A cidade é referência em parto humanizado e domiciliar no Brasil; além disso, o país tem leis migratórias flexíveis, garantindo cidadania a todos os bebês nascidos aqui e residência às suas famílias, que também têm a cidadania facilitada. Por essa e outras razões, Florianópolis tem recebido cada vez mais russas e mulheres de outros países do Leste Europeu, como Sérvia e Ucrânia, que atravessam o Atlântico nas últimas semanas de gestação com o desejo de parir filhos brasileiros.

Embora a guerra entre Rússia e Ucrânia, que já ultrapassa um ano, tenha aumentado a frequência de grávidas russas chegando à América do Sul – mais de 5 mil entraram na Argentina nos últimos meses, 33 delas em um único voo em fevereiro, segundo autoridades do país –, esse fluxo já dura pelo menos cinco anos. Algumas vêm com a intenção de fixar residência, como Anastasia e Maria, mas há mulheres que passam por aqui apenas pelo tempo necessário para ter seus filhos e garantir o passaporte do Mercosul para a família. De acordo com a Secretaria de Saúde de Santa Catarina, no ano passado 34 russas tiveram seus partos em hospitais do estado, quase três por mês – mas esse número cresce considerando as que optam por ter seus bebês em casa, com a ajuda de equipes de parto domiciliar, comuns em Florianópolis.

Mayra Calvette, enfermeira obstetra que trabalha com a equipe Ama Nascer, calcula que os partos de mulheres dessa nacionalidade tripli-

“Meus primeiros partos em hospitais na Rússia foram violentos, mas o terceiro, no Brasil, foi com respeito”

ANASTASIA ANDREEVA

caram de um ano para cá: “Nossa equipe faz ao menos um parto domiciliar de russa por mês. Às vezes mais”. Uma das repórteres que assinam esta reportagem, Gabriela Borges, vive em Florianópolis e deu à luz Lila há dois meses – dos 43 pais e mães presentes do grupo de pós-parto que participa, sete são mulheres russas.

Outra prova de que o turismo de parto Leste Europeu–Santa Catarina está aquecido é o surgimento de todo um mercado em torno dele: empresas de viagens especializadas em trazer grávidas dessa região para parir no Brasil e tradutoras que facilitam a comunicação com hospitais, médicos e doulas, inclusive na hora do parto, e ajudam com o que mais as famílias precisam. É o caso de Anastasia Andreeva, cuja história abre este texto: depois de ter seu bebê, se instalou no Brasil como doula e tradutora, ajudando conterrâneas a encontrar moradia, tirar o CPF, solicitar a residência, fazer os últimos exames do pré-natal e até a cuidar das crianças depois de nascida, em busca de médicos e escolas. “Meus primeiros partos aconteceram em hospitais na Rússia, foram violentos, mas o terceiro foi em casa, no Brasil, com respeito. Foi a melhor experiência dos meus partos. Agora, ajudo mulheres a parir com acolhimento.”

Uma dessas empresas, a Brazil Mama, diz no site que “a medicina no Brasil é gratuita para estrangeiros” e que “98% das clientes consideram o nível de assistência ao parto muito melhor do que em seus países de origem”. As clientes podem optar por pacotes de serviço que vão de um mais simples, que inclui cadastro de CPF e inscrição no SUS, registro de linhas telefônicas, tradução dos documentos, ajuda no registro da certidão de nascimento e na emissão do passaporte, além da autorização de residência para o país, a um mais sofisticado, que inclui, além dos serviços citados, assistência burocrática antes da viagem, dicas para fazer as malas, motorista e tradutor à disposição, curso de língua portuguesa e sessão de fotos da família, carrinho e troca-

NA PÁG AO LADO,
MARIA BLAGUSHINA
E OS FILHOS

dor para o bebê. A empresa oferece, ainda, serviços à parte como assistência na compra e venda de carros ou imóveis, aulas de surfe e excursões dentro do Brasil, para cidades como Rio de Janeiro, Foz do Iguaçu e Gramado. Não é possível consultar os preços dos pacotes no site, mas mulheres que entrevistamos afirmam ter gastado US\$ 4 mil (mais de R\$ 20 mil) por serviços como recepção, ajuda na busca por moradia e com a documentação na chegada ao país.

Desde que decidiram ter um filho, Yulia* e o marido sabiam que a criança nasceria em outro país, como forma de fugir da repressão política na Rússia e oferecer um futuro melhor ao bebê. Não conheciam ninguém no Brasil; as pessoas mais próximas em termos geográficos são amigos que vivem em Buenos Aires – a vantagem da Argentina para os russos é que, em comparação com o Brasil, é um país mais barato e mais europeu. Yulia conta que decidiu vir a Florianópolis depois de conhecer uma surfista que teve filho na cida-

de. O casal passou um mês no Brasil em 2021, em Florianópolis, e se encantou com a natureza, a comida e as pessoas: “Cumprimentam na rua, oferecem ajuda, são menos estressadas”. Voltaram um ano depois, aos cinco meses de gestação. Yulia decidiu fixar residência na capital catarinense com o marido e a filha Beatriz*, de 3 meses. “Minha família está triste por não conhecer a Beatriz. Lamentaram o nome dela ser brasileiro e não russo, mas quero que ela seja brasileira.” E completa: “Desejo liberdade para a minha filha. O passaporte brasileiro é um presente que dou a ela”.

OUTRAS FORMAS DE PARIR

Quando Yulia chegou grávida ao Brasil, no ano passado, estava lendo livros de Michel Odent, obstetra francês que é referência no nascer com protagonismo da mulher – influenciada por ele, desejava um parto natural e humanizado, com o mínimo de intervenções médicas, mas não considerava o domiciliar, já que, na Rússia, parir em casa não é permitido. Só descobriu que essa era uma possibilidade no Brasil conversando com a Brazil Mama, que intermediou sua viagem. No site, a empresa oferece ajuda para decidir sobre onde e como dar à luz: em clínica privada, a partir de US\$ 2 mil; em casa com doula e parteira, a partir de US\$ 2.300; ou em hospital público, de graça. Yulia contactou a equipe Ama Nascer e junto com sua doula escolheu parto hospitalar, pois tem hipertensão. Beatriz, sua primeira filha, nasceu em um hospital particular de Florianópolis, mas espera que seu próximo parto seja domiciliar.

Na maioria das vezes, conta Mayra, as russas chegam ao Brasil com 33, 34 ou 35 semanas, perto da data do parto. Nesse período curtíssimo entre a chegada da família e o nascimento, é preciso fazer exames para garantir a saúde da gestação. “Muitas não têm cartão pré-natal e, quando trazem exames, está tudo em russo. Então fazemos um check-up para avaliar se é seguro um parto domiciliar”, explica. Todo esse processo é feito com tradutoras ou, na falta delas, Google Tradutor, no celular.

A rapidez com que aprendem português impressiona: Yulia, que está no Brasil há seis meses, mantém algumas horas de entrevista se comunicando em português e recorrendo ao Google Tradutor apenas quando precisava expressar um pensamento mais complexo ou quando desconhecia algumas palavras, como “saúde”. Mesmo assim, sente dificuldade de



fazer amigas brasileiras; e em grupos de mães acaba se reunindo com outras russas.

Mayra, enfermeira obstétrica que atende partos domiciliares em Florianópolis desde 2007, conta que, na cidade, existe uma cultura de partos naturais e humanizados por dois fatores: uma concentração de profissionais como doulas, enfermeiros e médicos especializados na prática e uma lei estadual que obriga hospitais públicos e privados a permitir a presença de doulas em salas de parto.

Maria Blagushina não gostou da experiência de ter o primeiro filho em um hospital na Rússia – por isso, na segunda gestação, driblou a proibição e pariu em casa: “Me senti melhor, mas não é permitido. As doulas não são regulamentadas e não podem atestar o nascimento. Quando meu filho nasceu, aleguei que não fui para o hospital porque o parto evoluiu rápido. Tive que provar que estava grávida e que era o meu bebê”, lembra. Seu terceiro filho também nasceu em parto domiciliar, mas no Brasil. Atitudes consideradas comuns na Rússia, como gritar com a mulher durante o parto, aqui são consideradas violência”, percebe Anastasia, que também cita a episiotomia (corte na vagina para facilitar a passagem do bebê) e a manobra de kristeller (pressão sobre a barriga para “empurrar” a criança) como práticas comuns nos partos de seu país natal, embora ambas sejam condenadas pela Organização Mundial da Saúde.

Embora o fluxo de grávidas do Leste Europeu chame a atenção de alguns anos para cá, o turismo de parto acontece há anos e no mundo inteiro, inclusive entre brasileiras, afirma a advogada Ana Cláudia Ruy Cardia, professora de Direito Internacional na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Basta pensar em mulheres que gastam milhares de reais para ter seus filhos nos Estados Unidos, como a cantora Claudia Leitte e a atriz Karina Bacchi, e garantir que tenham passaporte e cidadania norte-americanos. As russas seguem a mesma lógica, porque países como Brasil, Estados Unidos e Argentina firmam suas leis de cidadania sobre o princípio de *ius solis*, isto é, consideram nacionais todos aqueles que nascem em seu território.

Há, portanto, ao menos dois fatores ligados a questões migratórias que tornam o Brasil atrativo. Primeiro, diferentemente dos Estados Unidos, temos um olhar amigável a diferentes ideologias; além disso, temos um passaporte que funciona como passe livre em quase o dobro de países do que o passaporte russo. Segundo,

“Desejo liberdade para a minha filha. O passaporte brasileiro é um presente que dou a ela”

YULIA

de acordo com a Lei de Migração de 2017, mães e pais estrangeiros que têm filhos em território brasileiro conseguem acelerar o processo de se tornarem cidadãos brasileiros; enquanto para a maioria das pessoas só é possível ter um passaporte do Mercosul após cinco anos de residência no Brasil, para quem tem filhos naturais do país esse tempo cai para um ano. “O Brasil tem ótimo status migratório e burocracia simples para a naturalização de estrangeiros, por isso, funciona como trampolim para os Estados Unidos, Canadá e para a União Europeia”, resume Ana Cláudia. Esse foi o principal motivo que trouxe Anastasia Andreeva, em 2020, e Yulia, em 2022. Yulia conta: “Podemos morar e trabalhar no Brasil. E viajar sem visto para a América Latina, Ásia e Europa, que agora está fechada para os russos. Também queremos que a nossa filha, Beatriz, possa escolher onde viver”.

O contexto de guerra, repressão política e alistamento obrigatório também empurra essas famílias para ter seus bebês fora da Rússia – um segundo passaporte pode evitar que essas crianças, na vida adulta, sejam enviadas para conflitos armados. Anastasia diz que muitas das gestantes que atende vêm para o Brasil fugindo das políticas de Putin. Yulia conta que teve as contas bancárias bloqueadas pelo governo Putin e usa bitcoins para transferir e sacar dinheiro. Diz, também, que amigos estão deixando o país com medo da perseguição a pessoas LGBTQIA+. Ao chegar aqui, essa mesma mulher se emocionou com as eleições presidenciais que elegeram Lula: “Nunca um candidato em quem votei foi eleito, porque lá as eleições são fraudadas. Me emocionei ao ver como as pessoas têm o direito de votar e escolher o presidente de forma pacífica”. E explica por que preferiu não se identificar nesta reportagem e usar um nome fictício: “No meu país, sou proibida de falar muitas das coisas que estou falando nessa entrevista”.

* O nome foi trocado a pedido da entrevistada

■ NA PÁG. AO LADO, ANASTASIA ANDREEVA E OS FILHOS